

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo 2



Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo 2

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo



Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Literatura e a reflexão sobre os processos de simbolização do mundo 2

Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L776 Literatura e a reflexão sobre os processos de simbolização do mundo 2 / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

156 p., il.

ISBN 978-65-5983-757-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.571211712>

1. Literatura. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema. II. Título.

CDD 801

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2021

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

O livro *Literatura e a Reflexão sobre Processos de Simbolização do Mundo 2* apresenta, em seus quinze capítulos, trabalhos muitíssimo interessantes no que tange aos processos de simbolização do mundo por meio da literatura. Sendo sua função a transcendência da experiência do leitor a partir do texto lido, os trabalhos que compõem a coletânea são assertivos na averiguação literária sob diferentes vieses metodológicos possíveis nos estudos literários.

Desse modo, há estudos que possuem como *corpus* desde escritores consagrados como Gregório de Matos, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Julio Cortázar até menos conhecidos, como Sór Juana Inés de la Cruz, Antonio Muñoz Molina, Edouard Glissant, José Luandino Vieira, Enrique Buenaventura e Sindo Guimarães. Assim, há um rico leque de possibilidades de investigações literárias nesses textos, que cumprem seu papel no que tange à qualidade de verificação de seus objetivos de pesquisa nos textos literários.

Além de estudos cujo *corpus* é uma seleção perspicaz da obra dos autores mencionados, temos trabalhos sobre letramento, papel da literatura no desenvolvimento infantil, literatura digital e ensino de literatura em contexto pandêmico na rede pública de escolas, além de artigos que, utilizando alguns dos autores supracitados, tematizam o (de) colonialismo e a literatura comparada.

Portanto, o livro busca corroborar na produção científica na área dos estudos literários, tão desmerecida – dentre as demais ciências humanas – no imaginário brasileiro enquanto conhecimento científico hoje. Assim, desde leigos na literatura até graduandos, graduados, pós-graduandos e pós-graduados podem desfrutar dos trabalhos que compõem os capítulos desse livro, que não deixa de ser um grito de resistência em meio à desvalorização da ciência produzida no campo dos estudos literários.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

HISTÓRIAS DE VIDA NOS LIVROS INFANTIS: SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DA POSTURA CRÍTICA-REFLEXIVA DAS CRIANÇAS AFETANDO SEU DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, SOCIAL E AFETIVO

Walter Duarte Monteiro Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117121>

CAPÍTULO 2..... 5

A LÍNGUA MATERNA E A LINGUAGEM MATEMÁTICA: DA EUROPA AO BRASIL, DIÁLOGOS PERENES

Paulo Roberto Trales

Simone Maria Bacellar Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117122>

CAPÍTULO 3..... 14

PENSANDO AS RELAÇÕES AMBIENTAIS A PARTIR DO CONTO “O JORNAL E SUAS METAMORFOSES”, DE JULIO CORTÁZAR

Luca Ramos Dias

Lucas Leal Teixeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117123>

CAPÍTULO 4..... 28

O ENSINO DE LITERATURA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Glauco Soares Joaquim

Andréa Portolomeos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117124>

CAPÍTULO 5..... 44

NOTAS SOBRE A LITERATURA DIGITAL

Angeli Rose do Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117125>

CAPÍTULO 6..... 68

IMAGINÁRIO E HISTÓRIA EM *MONSIEUR TOUSSAINT*, DE ÉDOUARD GLISSANT

Maria Helena Valentim Duca Oyama

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117126>

CAPÍTULO 7..... 75

ESPAÇOS E IMAGINÁRIOS: A FORÇA POÉTICA DAS ÁGUAS NA PRODUÇÃO ROMANESCA DE CARLOS BARBOSA

Joseilton Ribeiro do Bonfim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117127>

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 8 | 88 |
| MEMÓRIA ORAL TRANSPOSTA À ESCRITA LITERÁRIA: <i>SEFARAD</i> DE ANTONIO MUÑOZ MOLINA | |
| Ana Paula de Souza | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117128 | |
| CAPÍTULO 9 | 100 |
| A ORALIDADE NA POÉTICA DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA | |
| Maria Cristina Chaves de Carvalho | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117129 | |
| CAPÍTULO 10 | 107 |
| A MEMÓRIA DA VIDA E DA CIDADE DE SEABRA NA POESIA, RUA DA PALHA, DE SINDO GUIMARÃES: UMA VISÃO INDIVIDUAL E COLETIVA | |
| Maiara de Souza Macedo | |
| Andréia Almeida Santos Pires | |
| Gisele Vieira de Souza | |
| Marta Aparecida Souza Oliveira | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171210 | |
| CAPÍTULO 11 | 121 |
| A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE POR MEIO DA INTERAÇÃO LINGUÍSTICA | |
| Crislaine da Silva Borges Rocha | |
| Ricardo da Silva Sobreira | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171211 | |
| CAPÍTULO 12 | 128 |
| ENRIQUE BUENAVENTURA E O “TOMAR POSIÇÃO” NA PEÇA <i>HISTORIA DE UNA BALA DE PLATA</i> : UMA NARRATIVA DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE | |
| Juliana Caetano da Cunha | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171212 | |
| CAPÍTULO 13 | 135 |
| UM ESTUDO SOBRE LITERATURA COMPARADA: O QUE UNE E O QUE DIVERGE NA LITERATURA DE GREGÓRIO DE MATOS E SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ | |
| Laercio Fernandes dos Santos | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171213 | |
| CAPÍTULO 14 | 147 |
| OS JOGOS COMO UM ‘AGÓN’ | |
| Amós Coêlho da Silva | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171214 | |
| CAPÍTULO 15 | 156 |
| UM ESTUDO DO NARRADOR NAS ADAPTAÇÕES DE “O GUARANI” POR ANDRÉ | |

LEBLANC E IVAN JAF/LUIZ GÊ

Juliana de Lima Lapera Batista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171215>

SOBRE A ORGANIZADORA..... 170

ÍNDICE REMISSIVO..... 171

CAPÍTULO 12

ENRIQUE BUENAVENTURA E O “TOMAR POSIÇÃO” NA PEÇA *HISTORIA DE UNA BALA DE PLATA*: UMA NARRATIVA DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE

Data de aceite: 01/12/2021

Data de submissão: 06/09/2021

Juliana Caetano da Cunha

Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS)
Porto Alegre/RS
<http://lattes.cnpq.br/0308488538202698>

RESUMO: Leitura da peça de teatro *Historia de una bala de plata* (1979), de Enrique Buenaventura, do Teatro Experimental de Cáli, com base nos conceitos de história de Walter Benjamin, assim como de teatro dialético de Bertold Brecht e, principalmente, no “tomar posição” de Didi-Huberman. A peça é comparada a outra do mesmo autor, intitulada *A tragédia do rei Cristophe* (1961). As obras dramáticas abordam o processo de independência do Haiti. O trabalho do autor se insere no movimento Novo Teatro Colombiano. Observa-se o desenvolvimento de temas relativos ao colonialismo e ao decolonialismo ainda atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Enrique Buenaventura; América Latina; Novo Teatro Colombiano; teatro político.

ENRIQUE BUENAVENTURA AND “TAKE POSITION” ON THE PLAY *HISTORIA DE UNA BALA DE PLATA*: A LATIN AMERICA AND CARIBBEAN NARRATIVE

ABSTRACT: This is a reading of the play *Historia de una bala de plata* (*Story of a silver bullet*, 1979), by Enrique Buenaventura, from *Teatro Experimental de Cali*, based on the concepts of history by Walter Benjamin; on the dialectical theater by Bertold Brecht and, mainly, on “take position” by Didi-Huberman. The play is compared to another one written by the same author, entitled *La tragedia del Rey Cristophe* (*The tragedy of King Cristophe*, 1961). The dramaturgical works address the process of independence in Haiti. The author’s work is part of the New Colombian Theater movement. It is possible to observe the development of themes related to colonialism and decolonialism that are still current nowadays.

KEYWORDS: Enrique Buenaventura; Latin America; New Colombian Theater; political theater.

Historia de una bala de plata (1979) é uma das obras teatrais mais conhecidas do dramaturgo colombiano Enrique Buenaventura, que fundou em 1963 o Teatro Experimental de Cali (TEC), tendo sido seu diretor até falecer (em 2003, aos 78 anos). Sua escrita se deu em meio ao processo de encenação como criação coletiva (cf. CARBONARI, 2014), assim como a da maioria das obras de Buenaventura. A peça recebeu o Prêmio Casa de las Américas e é uma das mais importantes também do Novo Teatro

Colombiano (cf. JARAMILLO, 1992), movimento que teve seu auge nos anos 1970¹.

O Novo Teatro Colombiano inaugurou naquele país uma nova fase, que se consistiu em o teatro passar a se ocupar de ter identidade nacional, com a sua própria gente e a sua própria história, promovendo cada vez mais produções autorais e coletivas, além de adaptações de obras consagradas que favorecessem o debate de questões importantes àquela comunidade, a partir de suas subjetividades e cultura. Não se trata, obviamente, de um nacionalismo supremacista; muito pelo contrário, trata-se da busca por uma identidade roubada pelo processo de colonização e dominação econômica-cultural que impera sobre nosso território desde a chegada dos espanhóis (e posteriormente outras nações europeias) e da escravidão.

É preciso considerar duas chaves teóricas de compreensão do que foi tal movimento. A primeira delas é o conceito de tempo e história de Walter Benjamin (2012). Ficou evidente para esses grupos que não era mais o momento de retratar a história dos vencedores, ou de reproduzir a literatura das elites e dos colonizadores, mas, sim, de questioná-las, redescobri-las, fazendo que estas se abrissem aos personagens antes silenciados ou injustiçados em seus feitos (cf. também LÖWY, 2005). No caso de *Historia de una bala de plata*, o olhar é para o passado, mas temas contemporâneos foram abordados por Buenaventura, imbuído da concepção de que se faz necessário colocar a realidade em cena sem “encerrar” o que dela se depreende, sem fazer do teatro uma resposta confortável e pronta, mas, novamente, uma pergunta, que gere respostas e se transforme em intervenção nessa mesma realidade por parte do público que assiste – e é convidado a pensar.

Com isso, chego ao segundo pressuposto fundamental, que é o teatro dialético, desenvolvido por Bertolt Brecht (cf. BRECHT, 1977). Os grupos que participaram do Novo Teatro Colombiano desenvolvem um trabalho que, especialmente no processo criativo é dialético e coletivo, e como eles outros no resto da América Latina.

São usadas estruturas e estéticas épicas em algumas obras, existe um desmascaramento da “ilusão” que vinha do teatro clássico, mas o mais importante da influência brechtiana no Novo Teatro Colombiano é a originalidade e o “pé no chão”, no seu próprio chão. Segundo um estudioso de Enrique Buenaventura, Vásquez Zawadski (1992, p. 15), isso aparece como “preocupação constante, crítica e autocrítica, e dentro de uma práxis dialética que exige que todo questionamento do trabalho teatral se resolva sobre e a partir da cena”, quando Buenaventura se pergunta sempre “que tipo de teatro devemos fazer?”.

Para dizer uma última palavra sobre o Novo Teatro, vale pontuar que este foi um momento importante de desenvolvimento do teatro de grupo, independente, crítico e político,

¹ O outro grande expoente desse movimento é o grupo La Candelaria (de Bogotá), fundado e longamente dirigido por Santiago García, talvez um pouco mais conhecido no Brasil. Os dois grupos trabalham com a “criação coletiva”, ainda que tenham concepções diferentes dela. Duas peças do La Candelaria também ganharam o prêmio Casa de las Américas, também nos anos 1970: *Guadalupe años sin cuenta* (1976) e *Los diez días que estremecieron al mundo* (1977).

que construiu métodos da criação coletiva, tendo inclusive estabelecido diálogos com outros grupos que, em países vizinhos, estavam na mesma busca. O Teatro Experimental de Cáli continua em atividade; mantendo sede própria e acervo, subsidiado parcialmente por financiamento público. Outros vários grupos no país alcançaram a mesma condição de trabalho, destacando-se o La Candelaria, de Bogotá, tão longo e notável quanto o TEC.

Mais uma característica da atividade dramaturgica de Buenaventura, além dessa escrita perpassada pela direção e pela experimentação em sala de ensaio, é a reescrita e a reflexão sobre o próprio trabalho. O autor mantinha diários de trabalho e eventualmente retomava temas (cf. BUENAVENTURA, 1992; 2009; 2014). No caso de *Historia de una bala de plata*, temos uma versão mais ficcional do que havia anteriormente sido trabalhado como drama histórico: o processo de independência do Haiti.

A primeira peça sobre o tema chamou-se *A tragédia do rei Cristophe* (BUENAVENTURA, 1973[1961]), que aborda objetivamente o reinado de Henri Christophe no Haiti, anteriormente denominado Santo Domingo, em princípios do século XIX: Cristophe foi o primeiro rei negro do Novo Mundo, passou de escravo a liberto, de liberto a general, de general a rei e, finalmente, a tirano, que acabou cometendo suicídio. Reza a lenda que se matou com uma bala de prata porque se acreditava impenetrável por uma bala comum.

Santo Domingo (ou Ilha de São Domingos) era colônia francesa na sua parte ocidental, ainda que tivesse sido descoberto por Colombo e até nomeada em tempos remotos Hispaniola (ou La Española). A banda oriental manteve esse nome até tornar-se a República Dominicana; o nome Haiti foi recuperado das línguas dos povos originários.

Essa parte ocidental da ilha foi por muito tempo um dos lugares mais prósperos do Novo Mundo, graças à produção, por mão de obra negra escravizada, de açúcar, cacau e café. Ocorre que, em 1794, aí mesmo tem lugar a primeira revolta de escravos, que tornou o Haiti o primeiro país do mundo a abolir a escravidão. Não de um único golpe, muito pelo contrário, foram inúmeros levantes, deposições, execuções, guerras e resistências, em busca da independência (cf. LAFERRIÈRE, 2017).

Na peça, narra-se a trajetória de Henry Cristophe, vê-se o primeiro levante, aparece Toussaint Louverture, ex-escravo que foi nomeado Governador Geral pela Coroa (1801), que posteriormente é preso e assassinado por esta. Atribuem-se a Louverture as principais ideias de independência e igualdade, que seguem animando a luta do povo negro na Ilha.

Vê-se também (Jean-Jacques) Dessalines, que organizou o exército e finalmente derrotou os franceses em 1803. No ano seguinte, foi declarada a independência, de modo que o Haiti se tornou o segundo país a se tornar independente nas Américas (precedido pelos EUA, em 1776). Dessalines proclama-se imperador. Na peça, a personagem proclama: “Faremos aqui um Estado livre, um Estado negro, e o chamaremos Haiti, como se chamava antes de os brancos chegarem. Viva o Estado negro e livre de Haiti” (BUENAVENTURA, 1973[1961], p. 24). Esse processo rendeu 60 anos de bloqueio ao Haiti por parte dos países escravagistas europeus.

A peça revela como os ingleses e espanhóis tentavam influenciar a disputa de poder no Haiti, buscando sempre se favorecer em acordos comerciais. E como a ameaça do retorno à escravidão estava sempre no ar. Com a justificativa de consolidar essa nação negra, sem senhores colonizadores e escravagistas, os líderes vão mudando de posição, fazendo acordos e, finalmente, após o assassinato de Dessalines por rivais em 1806, Henry Cristophe chega ao poder, autointitulando-se rei.

Questionado por apoiadores, a personagem de Henry se justifica:

A independência legou-nos um país arruinado, um deserto carbonizado. Não, ainda não haverá liberdade, Clairveaux. Haverá uma mão de ferro para reconstruir a indústria, para levantar fortalezas e cidadelas, para desafiar todos os colonialistas (BUENAVENTURA, 1973[1961], p.37).

E em outra fala, também Henry: "...devemos andar pra frente. Temos de produzir mais açúcar e mais café do que no tempo da colônia. Temos que ser invencíveis na terra e no mar...". Ao que o amigo Clairveaux responde: "Então estas condecorações ganhas na luta por um ideal são inúteis!" (BUENAVENTURA, 1973[1961], p.37). É quando Cristophe manda prendê-lo, representando as tantas mudanças de mãos do autoritarismo de Estado que vai e vem na América Latina.

O novo monarca ex-escravo vai se tornando cada vez mais autoritário. *A tragédia do rei Cristophe* (BUENAVENTURA, 1973[1961]) conta essa história a partir do que seria a grande obsessão desse personagem, a construção de uma fortaleza impenetrável, num alto, que foi de fato construída e da qual permanecem em pé as ruínas hoje em dia, depois de dois séculos, terremotos e vendavais: Cidadelle Laferrière, Sans-Sonci (inaugurada em 1813). A peça traz cenas da construção do forte, onde os negros cumprem o mesmo papel de escravos ao que antes eram obrigados, agora como "cidadãos". Chega-se ao ponto em que a próprio personagem de Henry Cristophe açoita um velho que cai de tanto trabalhar. Cai morto.

O desenvolvimento da tirania, com algum toque de loucura, vai encerrando esse personagem em seu castelo e o afastando de sua origem e de seus propósitos, assim como, evidentemente, das expectativas construídas pelos revoltosos na luta pela independência. Na peça, o rei se mata quando se vê abandonado por todos: povo, amigos, armadas.

Em *Historia de una bala de plata* (BUENAVENTURA, 2013[1979]), o protagonista se chama Louis Poitié, inspirado evidentemente em Henry Cristophe, e no contexto da obra é "verdade" que só uma bala especial, de prata, pode derrubá-lo. Trata-se do mesmo processo de luta por independência da colônia, mas a partir daí a reescritura vai se ajustando, ou seja, refazendo-se com novas perspectivas.

Agora estamos numa ilha qualquer do Caribe (porque o Haiti poderia ser muitos lugares), em que diversas forças operam num tempo de revolta dos escravizados e de falência do domínio colonial na América Latina, no caso, por parte da Coroa francesa. A peça revela contextos e conflitos que se estenderam pelo continente, quando o imperialismo

norte-americano começa a construir suas bases nas ex-colônias, ou “futuras ex-colônias”, ou ainda futuras neocolônias latinas.

Manipulações, jogo de poder, disputa de mercado e lutas por libertação e justiça dão o tom do texto, que emite luz sobre a complexidade de nossa história sempre esquecida e apagada pelos donos do poder e da história oficial. O que lemos é uma realidade passada ainda presente, marcada pela exploração colonial, pelo extermínio indígena e pela escravização dos negros, posteriormente substituída por falsa alforria. O mito do imperador ou rei negro, como uma primeira grande vitória dos despossuídos destas terras, converte-se em mais uma revolução derrotada, sendo contado a partir de uma narrativa destoante dos moldes tradicionais.

A personagem de Loius Poitié chega a essa ilha imaginária das Antilhas, que não se sabe onde é, nem muito bem quando, levado por um magnata chamado Smith, diretamente dos EUA, onde Poitié estava sendo perseguido pela polícia e, antes, pela Ku Klux Klan (movimento reacionário e supremacista branco que teve sua primeira aparição nos EUA na década de 1860, tendo sumido e reaparecido algumas vezes até o século XX, agrupando neonazistas). Smith o leva para ser imperador, com a intenção de dominar a Ilha, porque precisa de um negro para fazê-lo. Atrás deles, vem Marta, a esposa de Poitié (que na peça anterior mal aparece – representava apenas o momento da alforria, em que Henry casou-se e passou a ser dono do estabelecimento que era propriedade do sogro). Marta representará ao longo desta obra a lucidez política que falta ao marido.

Poitié vai sendo levado pelos diferentes grupos de interesses, servindo sem perceber a diversos senhores, até ser renegado pelos outros negros em luta (aparecem quilombos e levantes). Ele ganha mais traços de conflito interno, de dúvida, de humanização, mas é tragado pelo sistema e finalmente assassinado com uma bala de prata numa emboscada, quando sua mulher diz: “Nem sequer soubeste por que morrias, Louis Poitié” (BUENAVENTURA, 2013[1979], p.76). Merece destaque o personagem Marta, que em vários momentos da peça aponta que o “lugar” das mulheres na política e nas batalhas já é outro. Um lugar ganho certamente na história recente, após a entrada do feminismo na operação da política e da constituição da subjetividade dos sujeitos modernos.

E o mais importante: o mundo já é outro, em que pese continue o mesmo. O que faz Buenaventura é dar essa dimensão à história da independência do Haiti, expandindo seus fatos para um tempo em que a questão racial e da terra permanecem estruturantes das relações econômico-comerciais e de trabalho nas Américas, atualmente com a forte presença imperialista dos EUA. O prólogo não deixa dúvidas:

Smith: As cores têm, nesta peça, singular significado. No alto da pirâmide social estão os brancos.

Gallofe: Debaxo dos brancos e tratando de subir com unhas e dentes, estão os pardos ou mulatos.

Jones: E na base da pirâmide, os negros escravos. A escravidão já não era

rentável, o trabalho assalariado ocupava o seu lugar, mas na ilha imaginária se mantinha como uma cicatriz.

Suzana: E nesse mundo alegre e miserável, decadente e cheio de tentadoras riquezas, entraram os norte-americanos. (BUENAVENTURA, 2013[1979], p. 19)

A escravidão como cicatriz de um povo que conjuga alegria e miséria, dividido em pirâmide de base larga e negra, subjugado aos interesses dos EUA, é o que conhecemos bem. Os “pardos e mulatos” representam uma classe mediana (e obviamente mestiça, às vezes herdeira dos colonizadores, que já nasceu livre) que não se entende negra e que tenta ocupar o lugar da branca dominadora, preocupando-se mais com seus interesses individuais que com a luta coletiva. Também conhecemos esse tipo de operação.

Evoco, para finalizar, o conceito de Georges Didi-Huberman quanto a *tomar posição*, que é o que faz Enrique Buenaventura em suas obras. Toma a posição social de artista que só existe se capaz de intervir dialeticamente em sua realidade, sua realidade de despossuído e trabalhador em terra de dominação e autoritarismo. Tomar posição consiste em “desconstruir e depois remontar, por conta própria”, a fim de melhor expor, a matéria que se escolhe examinar. O autor diz: “O que é preciso ver, [...] é como, no seio de tal dispersão, os gestos humanos ‘se olham’, se confrontam, ou se correspondem mutuamente” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p.75). E é nesse olhar que se falam *A tragédia de rei Christophe* e *Historia de una bala de plata*, a Colômbia dos anos 1970 ou o Brasil nosso de cada dia. Onde tomar posição é preciso:

é desejar, é exigir algo, é situar-se no presente e visar um futuro. Contudo, tudo isso só existe sobre o fundo de uma temporalidade que nos precede, que nos engloba, chamando por nossa memória até em nossas tentativas de esquecimento, de ruptura, de novidade absoluta (DIDI-HUBERMAN, 2017, p.16).

Tentativas impossíveis de novidade absoluta, diga-se de passagem, voltando a Benjamin (2012). O que, sim, se rompe, é a zona de conforto do teatro de lazer e reprodução da vida de moldes burgueses. Concordando com Brecht: “Mostrar que se mostra, isso não é mentir sobre o estatuto epistêmico da representação: é fazer da imagem uma *questão de conhecimento* e não de ilusão” (1978, p. 62). Assim, esse desenho que elabora método, estética e conteúdo político dialético deixa seus traços na obra de Enrique Buenaventura.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: **O anjo da história**. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. E-book, localização 7-246.

BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

_____. **Teatro dialético**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BUENAVENTURA, Enrique. **A tragédia do rei Cristophe**. Coimbra: Centelha, 1973 [1961].

_____. **Crônicas y relatos**. Cáli: CITEB/Universidad del Valle, 2009.

_____. **Diario de trabajo**. 2. ed. Cáli: CITEB, 2014.

_____. **Historia de una bala de plata**. Cáli: TEC/CITEB, 2013 [1979].

_____. **Máscaras y ficciones**. Cáli: Universidad del Valle, 1992.

CARBONARI, Marília. **A direção teatral e o método de criação coletiva de Enrique Buenaventura no TEC (Teatro Experimental de Cali)**. Material didático EAD. Paraná: Unicentro, 2014.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tomam posição: o olho da história, I**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2017.

JARAMILLO, Maria Mercedes. **El Nuevo Teatro colombiano: arte y política**. Medellín: Universidad de Antioquia, 1992.

LA CANDELARIA, Grupo de Teatro. **Los diez días que estremecieron al mundo**. La Habana: Casa de las Américas, 1978 [1977]. 92 p.

_____. **Guadalupe: años sin cuenta**. Bogotá: Idartes, 2016 [1976]. 160 p.

LAFERRIÈRE, Dany. "Haïti: dix ruptures historiques et une littérature mouvementée pour fonder une mythologie américaine". In: MABANCKOU, Alain (Org.). **Penser et écrire l'Afrique aujourd'hui**. Paris: Seuil, 2017. pp. 162-174.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"**. Trad. Wanda Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

VÁSQUEZ ZAWADSKI, Carlos. "Enrique Buenaventura In-Edito". In: BUENAVENTURA, Enrique. **Máscaras y ficciones**. Cali: Universidad del Valle, 1992. pp. 9-23.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 121, 123

Antiguidade clássica 147

Antonio Muñoz Molina 88, 98, 99

B

Bertold Brecht 128

C

Clarice Lispector 127

Conto 14, 15, 16, 17, 20, 21, 26, 27, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 97, 103, 104

Coronavírus 28, 30, 42, 43

E

Édouard Glissant 68

Enrique Buenaventura 128, 129, 133, 134

Ensino 7, 8, 9, 10, 11, 13, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 47, 52, 66, 107, 170

Ensino de literatura 28, 29, 33, 34, 36, 38, 40, 41, 42, 66

Ensino remoto 28, 29, 31, 32, 33, 38, 39, 41

Escola pública 28, 29, 41

G

Grécia 9, 147

Gregório de Matos 135, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 145, 146

Guimarães Rosa 54, 151

H

História 1, 2, 3, 15, 23, 24, 25, 31, 40, 42, 55, 62, 68, 69, 72, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 109, 110, 111, 114, 115, 117, 118, 119, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 136, 139, 140, 142, 147, 148, 151, 156, 163, 169

I

Identidade 1, 45, 61, 66, 69, 85, 87, 101, 102, 105, 115, 116, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 139

Imaginário 34, 37, 58, 59, 61, 67, 68, 69, 70, 71, 75, 76, 77, 78, 81, 84, 86, 139, 147, 151

Interdisciplinaridade 5

J

Jornal 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 32, 61, 76

José Luandino Vieira 100, 101, 102

Julio Cortázar 14, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27

L

Leitor 4, 5, 6, 11, 16, 19, 20, 24, 25, 35, 36, 37, 38, 39, 44, 47, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 107, 111, 112, 119, 160, 168

Leitura 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 21, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 49, 50, 53, 55, 57, 60, 64, 75, 76, 89, 90, 97, 111, 112, 115, 119, 120, 128, 134, 141, 146, 160, 169

Letramento 1, 4, 5, 9, 10, 13, 14, 34, 36, 42, 47, 50, 66

Linguagem 1, 2, 3, 5, 6, 7, 11, 12, 16, 20, 21, 22, 26, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 46, 47, 48, 53, 65, 75, 93, 95, 101, 104, 105, 107, 112, 115, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 137, 141, 143, 145, 147, 169

Literatura 1, 2, 3, 14, 15, 17, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 81, 87, 88, 89, 90, 91, 94, 98, 103, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 118, 119, 120, 125, 129, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 154, 156, 157, 169, 170

Literatura comparada 135, 136, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146

Literatura digital 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 58, 59, 62, 64, 65, 66

Literatura eletrônica 45, 49, 62

Literatura infantil 1, 3

Literatura local 107, 109, 118, 119

Literaturas Africanas 100, 101

M

Meio ambiente 14, 16, 21, 22, 24, 25, 65

Memória 53, 80, 82, 86, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 133, 147

Memória oral 88, 89, 90, 94

Metamorfoses 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 25, 149

O

Oralidade 89, 91, 99, 100, 101, 105

P

Pandemia 28, 29, 30, 33, 38, 39, 42, 43

R

Resistência 100, 105, 112

S

Sindo Guimarães 107, 108, 109, 110, 118, 119, 120

T

Teatro político 128

Testemunho oral 88, 93

W

Walter Benjamin 55, 105, 128, 129, 134

Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021

Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021